

# Ásia:

## um continente dinâmico e interativo

“**A** Ásia não pode ser vista como um grupo de unidades nacionais independentes, mas sim como um conjunto dinâmico que possui uma interação entre as partes para resolverem problemas de qualquer natureza. Trata-se de um continente com uma unicidade informal sem similar”. Esta frase foi dita pelo Embaixador **João Gualberto Marques Porto Júnior**, um profundo conhecedor do continente asiático.

Marques Porto foi o primeiro embaixador a chefiar o Consulado do Brasil em Hong Kong, após a sua reunificação à China, e, posteriormente, foi embaixador em Cingapura. Especialista em relações econômicas internacionais, em que militou em mais de 30 anos, como embaixador, passou a dedicar-se à Ásia. Tornou-se um ícone em qualquer assunto relativo a esse continente.

Sendo a Ásia o principal endereço das exportações brasileiras, a Revista **BRAZIL EXPORT (BE)** procurou saber a opinião do Embaixador Marques Porto sobre diversos aspectos ligados ao comércio externo do Brasil com o continente asiático, gerando a seguinte entrevista:



*Embaixador João Gualberto Marques Porto Júnior*

**BE - A Ásia tomou o lugar da União Européia como o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro. Na sua opinião essa tendência de alta nas vendas para os asiáticos irá permanecer?**

**Marques Porto** - Sim, desde que o Brasil não somente diversifique sua pauta de exportações, para aumentar a participação de produtos não-primários, mas

também que prossiga na prospecção de novos mercados e na captura de demanda nas áreas em que somos fracos. Exemplo, a Ásia Central, em que os cinco países que compõem aquela sub-região estão ávidos por parcerias econômico-comerciais para além das esferas de relacionamento com a Rússia e, mais recentemente, com a China. Outro exemplo é Bangladesh, país muito pobre e assolado por enchentes durante as monções, localizado que está em pleno delta do Ganges, com altitude máxima de dez metros acima do nível do mar, e ao qual falta praticamente tudo. Terceiro exemplo, o Sri Lanka, país admirável, que demonstrou sua pujança,

há cerca de 40 anos, antes de ser imerso na luta contra a revolta dos Tigres Tâmeis, finalmente superada há cerca de um ano, reabrindo-lhe perspectivas de nova e dinâmica inserção internacional. Mas não haveria olvidar o Sudeste da Ásia, cuja posição de centralidade entre as Ásias Oriental e Meridional e sua forte tradição mercante, ora aliada a um forte crescimento econômico, clamam por maior presença brasi-

ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA

leira. E não me refiro somente à troca de mercadorias: os cinco da Ásia Central, Bangladesh, Sri Lanka e os dez membros da ASEAN estão, com diferentes matizes e intensidades, abertos à cooperação econômica e tecnológica conosco, além de representarem interessantes contrapartes para parcerias de risco. A retomada de crescimento da economia mundial também auxilia a China, que tivera seus mercados norte-americano e europeu prejudicados pela contração da demanda, e qualquer incremento de dinamismo chinês repercute, imediatamente, na Ásia a seu redor.

**BE - O FMI aposta no crescimento da economia brasileira e aponta a crescente ligação com a Ásia como uma das principais razões para isso. O Sr. concorda com essa afirmação?**

**Marques Porto** - Sim, os fatos não parecem deixar o FMI mentir, pois os dados recentes demonstram que estamos, de novo, no caminho do crescimento e, espero, do desenvolvimento, com melhora de nossa base social. Os dados também são positivos para todas as demais economias, com diferentes graus, porém a curva tem, já, uma clara trajetória ascendente. Parte desta resposta se encontra na que dei à pergunta anterior: o dinamismo asiático é irrefreável, uma vez que todos seus componentes estão debruçados sobre uma tarefa integrativa, não formal, como o Mercosul ou a União Européia, mas interligados e se interligando, amplamente, por acordos comerciais, que reúnem, em seu conjunto, além da ASEAN, da China, Japão, Coreia do Sul e Índia, a própria Austrália e a Nova Zelândia, com o concurso, igualmente, de nosso vizinho, o Chile. Se o Brasil tiver descortino - público e privado - para aproveitar-se da massa de riqueza em criação naquele conjunto, a predição do FMI não somente se confirmará, como se realizará exponencialmente.

**BE - Existe algum produto muito demandado pela Ásia em que o Brasil poderia fornecer ou ampliar o fornecimento com sucesso?**

**Marques Porto** - A resposta

tem que ser negativa, pois não se poderia falar de um produto, mas de muitos e de toda a escala de nossa pauta total e mesmo para além dela. Devemos cessar de preocupar-nos tão somente - repito - com a troca de mercadorias. O Brasil tem que internacionalizar seu capital, investir em outros países, para adicionar a remuneração respectiva à sua receita externa. É coisa para gente grande, não podemos, ou devemos, paralisar-nos em nossa atual adolescência econômico-comercial. Nossa política externa nos tem propiciado, historicamente, crescente pluralização de parceiras externas. Nunca estivemos, a rigor, desde a Independência, sob a égide total de um só mercado externo. A diversificação foi sempre - e assim deve manter-se - um objetivo estratégico de nossa diplomacia, e nossos Governos têm sabido aproveitar-se, crescentemente, desse benefício por ela gerado. É mister que o empresariado nacional desenvolva e aplique toda sua dinâmica e

criatividade para transformar esse dado em benefício real para o país, pois dele é que sairão as grandes parcerias e os fluxos mais importantes de investimentos no exterior.

**BE - A China desbancou os Estados Unidos, que ocupou durante quase 20 anos a posição de maior comprador de produtos brasileiros. Entretanto, há muitas críticas de que as exportações para a China têm forte predominância de produtos básicos, que não têm valor agregado e praticamente não geram empregos. Como o Sr. vê esse assunto?**

**Marques Porto** - Tenho que concordar com os críticos: com efeito, nossa pauta de exportações para a China demonstra uma reprimarização de nossas vendas àquele país. A China é sequeirosa de duas ordens de produtos: os energéticos, especialmente petróleo e gás, e os alimentares. Os primeiros para nutrir o crescimento imenso de que necessita, os segundos para nutrir sua fenomenal



ÁSIA  
ÁSIA



massa populacional. A equação é delicada, pois a estabilidade do sistema político chinês, depende de que seu numeroso povo esteja satisfeito com o crescimento e alimentado. As crises ocorridas desde **Deng Xiao Ping** estiveram todas ligadas a, felizmente breves, debilidades econômicas e de bem-estar. Entretanto, a China deseja parcerias realmente estratégicas: no início de suas relações atuais, esse país estabelece o que chama de “relações estratégicas”, mas apenas quando essas relações se adensam, por motivos econômicos ou políticos, a China propõe o que chama de “diálogo estratégico”. Assim, toda a sua relação externa pode ser estratégica, entretanto, os diálogos estratégicos se estabelecem tão somente com parceiros de escol. O Brasil é um deles, mais por nossa visão de mundo, de nossa proposta de reforma do sistema político internacional - de que a reforma do Conselho de Segurança da ONU é apenas um detalhe -, de nossa tendência a manter relações e diálogo horizontais com todos os países, aplicando o que pregamos e sem pregarmos o impossível, porém aquilo que a criatividade e o denodo podem forjar. Onde, relações externas abertas e livres de atitudes impositivas. Disso a China precisa, escrava que foi, desde o século XIX e até 1948, do mais execrável tipo de colonialismo. Em sua reabertura para o mundo, em 1979, execra, de volta, todo imperialismo. O Brasil, país de lento desenvolvimento, também tem sofrido com as iniquidades internacionais, de fonte vária, além de haver-se mantido atento, igualmente, ao sofrimento de outros países. Como a China, execramos os verticalismos, por razões utilitárias, sim, mas, especialmente, por princípio. Daí o diálogo estratégico com a China. Todavia, arriscamo-nos a ver diminuído esse “status”, se nos mantivermos como simples exportadores de alimentos e minérios, numa tradicional relação Norte-Sul, em que o Brasil ocupa posição de inferioridade. É imperioso que ampliemos nosso nicho, para adentrarmos, com a China,

o campo das tecnologias avançadas, de ponta, em que aquele país, quase apenas saído da dita escravidão e dos anos de inevitável ensimesmamento de **Mao Tsé Tung**, já se encontra bem à nossa frente.

**BE - Já houve o primeiro embarque de carne de frango para a China e as exportações de carne bovina, via Hong Kong, estão com crescimento expressivo. O Sr. vê um futuro promissor para as carnes brasileiras no imenso mercado chinês?**

**Marques Porto** - O Brasil tem um imenso potencial exportador em carnes bovina e de frango. No Sudeste da Ásia, por causa da gripe aviária, que soubemos manter fora de nossas fronteiras, somos o fornecedor dominante em carne de frango. Em Cingapura, por exemplo, 95% do frango vendido nos mercados são brasileiros. Já a carne bovina, também com grande potencial, envolve problemas fito-sanitários, para os quais tenho plena consciência de que os produtores brasileiros estão atentos e desenvolvendo um esforço para melhorar os nossos padrões, para, assim, podermos atender às exigências dos nossos importadores. Também tenho consciência de que é preciso uma melhora na área pública em termos de qualidade de controle. É indispensável que nos livremos dessa pecha de que nossa carne possa estar contaminada. Nos anos 70, soubemos proibir a ração de origem animal para o nosso gado, o que afastou o mal da vaca louca das fronteiras brasileiras. Somos, portanto, capazes de grandes passos. É preciso que haja uma melhor coordenação entre os setores público e privado para que possamos ampliar nossos passos e mostrar a força da carne bovina brasileira. Não podemos pensar que vamos superar as barreiras fitosanitárias dos nossos compradores. Temos que resolver os problemas internamente. E isso só pode ocorrer com muita dedicação do setor privado e muita determinação do setor público. É preciso que o conjunto público-privado alcance uma verdadeira sinergia e resol-

va, de uma vez por todas, esse problema.

**BE - Existe algum nicho de mercado na Ásia em que um produto brasileiro teria boa aceitação com competitividade?**

**Marques Porto** - Creio já ter respondido, parcialmente, essa pergunta, mas insisto em que, ademais de buscar nichos para produtos específicos, o que é perfeitamente válido e legítimo, o empresariado nacional necessita valer-se mais de nossa ampla rede de relações externas, em todos os continentes, e sair em campo, à busca de novos mercados. Não se trata de relegarmos nossos mercados mais tradicionais, como Europa e EUA, que já estão quase saturados e têm alto poder de defesa comercial. Assim, haveria que prospectar não a Ásia, como um todo, mas, como antes mencionado, mercados da Ásia Central, em que tudo está por fazer e por acontecer, em termos de relações comerciais e econômicas com o Brasil, de Bangladesh, do Sri Lanka, do Sudeste da Ásia, da própria Índia e do Paquistão, para não falar da Australásia, continente à parte, porém progressivamente mais imbricado na Ásia. E, como acima indiquei, não haveria repousarmos sobre os louros do já alcançado com a China, louros falsos porque se trata de exportações ainda pequenas, pouco diversificadas e quase restritas a produtos básicos.

**BE - Mesmo pressionada, por que a China, que tem câmbio fixo, não desvaloriza a sua moeda para valores mais compatíveis com a realidade do mercado?**

**Marques Porto** - A China precisa importar muito, para satisfazer a enorme pressão de consumo interno, razão pela qual uma moeda valorizada lhe serve, até mesmo porque, do lado das exportações, mesmo com uma crescente participação de produtos de maior concentração de capital e tecnologia, ela ainda depende muito de produtos de baixa tecnologia e alta concentração de mão-de-obra. Enquanto essa

balança estiver assim equilibrada, nada deverá mudar na política monetária da China, pressões exógenas, ou não.

**BE - Os analistas sempre afirmaram que a China não poderia mais ter crescimentos expressivos porque não tem energia para alimentar um grande desenvolvimento, ou então, que ele iria causar um surto inflacionário. A cada ano, a China desmente essas afirmações com crescimentos muito altos. Os analistas estão errados?**

**Marques Porto** - A resposta está na medida em que a China pretenda manter sua atual matriz energética, altamente dependente de combustíveis fósseis. Por enquanto, a matriz tem funcionado, ainda que com forte deterioração ambiental. O Partido Comunista Chinês e o Congresso Nacional do Povo não têm muita saída, pois não pode facilitar, como antes mencionei, com a satisfação popular, numa sociedade que pouco se importa com o regime que tem, desde que funcione. Creio que a China explorará sua matriz atual até seus limites extremos, antes de mudá-la para bases mais renováveis. Enquanto isso, vai mantendo grande atividade pública na construção civil, para ocupar mão de obra e alimentar a taxa de crescimento econômico, campo em que a Represa das Três Gargantas, que baterá amplamente Itaipu em geração de energia elétrica, contribuirá para alargar o gargalo energético chinês e permitir a manutenção da atual matriz por algum tempo - quanto não se sabe -, até que se viabilizem outras fontes de energia renovável, especialmente solar e eólica, já em adiantado estágio de pesquisa aplicada.


**BE - Os asiáticos têm comportamentos característicos para realizarem negócios. Quais as atitudes e comportamentos que o Sr. recomendaria a um empresário brasileiro que queira realizar negócios com países da Ásia?**

**Marques Porto** - Eu insisto em que o sorriso, o aperto de mão, até mesmo o abraço, to-

dos da cultura brasileira, só servem para os primeiros segundos de uma abordagem de um asiático. Isso se aplica aos norteamericanos, a alguns latino-americanos pouco dados a contatos físicos, aos europeus, mesmo italianos, espanhóis e portugueses, e só tem aplicabilidade algo mais extensa na África, mesmo assim, com restrições. Insistimos em abordar pessoas de outras culturas como se a nossa fosse a boa e que só não é aplicada por elas, porque não conhecem nosso jeito. Ledo engano. O contato físico é considerado invasivo, impertinente e grosseiro. O sorriso é, geralmente, de bom tom, mas, em excesso, não funciona, como no Japão, pois o japonês jamais mostra emoção em público e considera inferior quem o faz. Na China, o povo pode ser expansivo, mas não é dado a fisicalidades, tidas como liberdades a serem evitadas. Enfim, não se trata de compor um manual de comportamento, apenas de tecer comentários para assinalar a inconveniência de universalizarmos nosso comportamento. Há que aprofundar-se na China e em seus vizinhos, para conhecer-lhes mais o temperamento e o caráter. O Confucionismo, como filosofia, nascido há cerca de três mil anos, não é apenas chinês, mas aplicável, com variações locais, a outros povos asiáticos, até mesmo porque a China os influenciou, ao longo da Rota da Seda e da Orla do Pacífico, marcadas pela presença multi-secular da diáspora chinesa. Não haveria generalizar atitudes asiáticas e criar um modelo comum de comportamento para o maior Continente do Planeta e a maior diversidade étnica e cultural conhecida. Um cidadão azeri seria algo mais russo do que um cingapuriano, e este seria, em média, bem mais chinês do que um uzebeque. Isso é para dizer que, se sua destinação é a China e se seu interesse é maior do que fazer turismo na Grande Muralha e na Cidade Proibida, melhor debruçar-se mais sobre história e cultura locais do que sobre o Guia

Michelin. O mesmo se põe para qualquer outro país asiático. Ou, por sinal, de qualquer outra parte do mundo. Se não há tempo ou condições de aprender o idioma, que se evitem as abordagens personalistas e intimistas. Na Ásia, se há, porém, um traço bastante comum é o de que a emoção interfere negativamente com a negociação: os asiáticos são, em média, mais racionais e calculistas nos negócios do que os brasileiros, que se deixam levar pela emoção e pela simpatia do interlocutor. O princípio geral é ter sempre um bom intérprete - a linguagem gestual não funciona e o inglês nem sempre é bem falado ou aceito - e, como em qualquer negociação, o mais importante é a firmeza, a seriedade e, em especial, a fiabilidade, afastando-se, por conseguinte, todo traço de malandragem, que não serve nem no Brasil.

**BE - Na sua opinião existe alguma providência que o Governo poderia tomar para aumentar as exportações brasileiras para a Ásia?**

**Marques Porto** - Muito pouco. A diplomacia brasileira tem uma rede de postos notável mundo a fora, mesmo para países desenvolvidos. Em cada um desses postos, há um setor de promoção comercial equipado e documentado, para apoiar os interesses dos empresários brasileiros. A extensão da rede de postos e essa base logística poderiam ser mais bem exploradas pelo setor privado, pois ficam, frequentemente ociosas por falta de demanda. Entretanto, o trabalho não deixa de ser feito e, quando não se destina a uma consulta específica de empresário brasileiro, as informações coletadas e as análises desenvolvidas são submetidas à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília, para inclusão no sistema de informação comercial e divulgação ampla às entidades de classe interessadas. Nada substitui, no entanto, a dinâmica do operador econômico, sem a qual o comércio não se cria, nem se desenvolve. 

ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA  
ÁSIA